

BRASIL-PORTUGAL

1 DE JUNHO DE 1905

N. 153

Os novos ministros



Dr. Arthur Pinto de Miranda Montenegro
Ministro da Justiça



D. João de Alarcão Vellasques Sarmiento Osorio
Ministro das Obras Publicas

As bulhas entre o Presidente do Conselho e o ex-ministro da Justiça



2 de janeiro de 1839 cumpriu-se o preceito constitucional: abriu-se a sessão ordinaria e encerrou-se a extraordinaria, — e logo no dia 3 recommençou a ordem do dia, que ficara pendente. Grande era a diligencia, mas com ella não se evitou que só no dia 8 se concluisse com tão prolongada discussão, elegendo-se então a meza, prestando-se o juramento e constituindo-se a camara.

Como o leitor que se abalance a arcar com esta narrativa recordará, uma das innovações d'esta Constituição era a criação de um senado, electivo, — mas que havia promessa de passar a ser de escolha régia e vitalicio. Os senadores eleitos, — que, por motivos conhecidos, hoje seriam denominados de *galão branco*, — não se mostraram

nem lisongeados nem pressurosos em comparecer. Já a maneira por que, ainda depois de votada a Constituição, ficava aberto o compromisso de não ser mantida a formula por que se organisava o senado, servia para lhe abater o prestigio. Mas o que se passava agora, não sendo possível reunil-os, dava um golpe fatal, matava pelo ridiculo a recém-nascida instituição! Todo o mez de janeiro teve de ser consumido... em sessões preparatorias! Instava-se com os eleitos, por todos os meios que mais proprios pareciam para os apiedar, rogando-se-lhes acudissem a uma situação que tanto se prestava a commentarios trocistas; mas o mais que se conseguia era que, em vez de virem tomar o seu lugar, mandassem dizer por que não vinham: estava com um olho inflammado o sr. senador Macedo; estava com sezões o sr. senador Rairoso; estava anojado o sr. senador Leitão; tinha reunido uma junta de facultativos para tratar do sr. senador conde das Antas; optava pela eleição de deputado o sr. senador barão do Casal, — e assim por aqui fóra! Parecia que todas as doenças, de accordo com todas as desgraças de familia, tinham resolvido impedir que o senado chegasse a ter numero para legalmente se constituir. E, comtudo, bastava reunir 36 senadores! No começo todos tinham rido d'aquella camara, que nunca tivera sympathias e assim cahia em desprestigio. Por fim, porém, veio a irritação. Multiplicaram-se os pareceres. Uns queriam que se estabelecesse soldo aos senadores, porque ninguem estava para canceiras, vindo para a capital gastar o que as suas casas rendiam; outros queriam o immediato desaparecimento d'essa innovação, supprimindo-se pura e simplesmente um tal senado, — ficando-se só com uma camara, ou então, recorrendo-se, sem mais esperas, a um senado de nomeação régia, vitalicio e hereditario. Finalmente, no dia 28 de janeiro, conseguiu passar-se o terrivel Rubicon! Sempre se alcançou reunir 36 senadores, — que era o minimo para a constituição da camara: metade e mais um.

Alcançado isto — que determinára tambem a espera nos trabalhos dos deputados, por isso que sem as duas camaras constituídas o systema não era considerado em funcções regulares — logo n'esse dia puderam os deputados entrar na batalha politica impacientemente esperada. A lucta ia dar-se com a resposta ao discurso da corôa. Cá fóra, os jornaes da opposição violenta, affirmavam ser certissima a queda do governo perante a guerra que iam mover-lhe e as revelações que tinham para fazer. Na propria camara se distribuiam folhetos com uma especie de programma para as accusações, dominando n'ellas, como é de suppôr, o acto arbitrario, o acto dictatorial, da dissolução dos corpos nacionaes. O restabelecimento d'esta força, indispensavel para proseguir nas agitações successivas, era o artigo 1.º do credo da bulhenta facção. N'essa questão, pois, diziam elles que ia cahir a situação, — e iria tambem a terra, como é uzo dizer se, o Carmo e a Trindade!

O primeiro a encetar a discussão, o que appareceu á frente como general em chefe, foi José Alexandre de Campos, o ex-ministro d'essa revolução de setembro, o que gerira a pasta das justicas até ao dia do primeiro pronunciamento arsenalista. Logo do começo accentuou a significação politica do debate:

« Sr. presidente: a discussão da resposta ao discurso do throno não é simplesmente o que está no parecer da commissão... E' a questão ministerial, é o juizo que a camara tem de fazer com referencia á politica dos senhores ministros, — e os senhores deputados que não assignaram o parecer, ou projecto da commissão, tem necessidade de falar em muitos outros pontos... »

Feita a indicação do proposito em que ia orientar se, não tardou em saliental-o com os commentarios ao attentado dictatorial do governo, dissolvendo as guardas nacionaes, — veneranda instituição constitucional. — « O governo representativo, — dizia o orador, — tem em si todas as condições para se sustentar, não precisa de pedir emprestados ao despotismo os actos arbitrarios ». Desenvolvendo esta these, carregou a accusação. Sentia-se nas suas palavras não só a paixão politica, mas a furia resultante d'um agravo pessoal. Não era simplesmente um partidario que estava a desenvolver a doutrina do seu credo politico; era um homem golpeado por um forte resentimento que buscava desforçar se com ancia d'um agravo proprio. Assim, quando chegou ao fim, depois de ter criticado tudo quanto lhe pareceu destinado a excitar a opinião contra o ministerio, não se conteve, — desabafou o queixume proprio, fez exposição do seu caso pessoal:

« Sr. presidente: eu devo declarar á camara que no fim da legislatura passada, tendo sabido fatigado, desejava, na verdade, tomar algum descanso, e tinha tomado a resolução de não acceitar a candidatura para deputado; mas acceitei a principalmente depois de ver que sobre a minha reputação de homem livre se tinha lançado um stigma, o que podia indicar que eu tinha servido o meu paiz com menos lealdade; o senhor presidente do conselho referendou um decreto, onde lançou um stigma sobre a minha reputação como homem de bem: eu tenho a perfeita convicção de ter feito o bem que pude ao meu paiz, e se o não fiz, é dever dos cavalheiros, que se sentam hoje nos bancos do governo, accusarem-me; porque é aqui no parlamento, e não no canto do gabinete, que se lançam stigmas d'essa ordem: declaro, pois, que acceitei a candidatura para sustentar a minha reputação, e refutar as accusações, que é da honra d'aquelles cavalheiros proporem contra mim. »

A questão pessoal ficava assim posta n'um discurso em que se puzera, tambem, a questão politica. Estavam em aberto os dois conflictos, e a camara estava principalmente com curiosidade de ver como se resolvia aquelle... que importava maior melindre na desafrenta. O stigma, a macula, que Sá da Bandeira lançára sobre o seu antigo collega, e pela qual este o desafiava agora ali, face a face, fóra a forma na publicação do decreto da exoneração da pasta da justiça. Tornára-se reparado pela propositada omissão das palavras, quasi sacramentaes: *de ter servido muito a contento*.

O presidente do conselho ergue-se na bancada ministerial — e na sala produziu-se o accentuado movimento de curiosidade que é d'uso n'estas occasiões. Que iria sahir da contenda? Daria satisfações? Entraria em explicações?

Sá da Bandeira não perdeu a serenidade. Não sendo um orador, não era uso n'elle alargar as explicações. Comtudo a situação da lucta directa a que o provocavam, excitava-o, fustigava-lhe os nervos, e deu-lhe, não a facilidade, mas a vivacidade d'expressão que nem sempre o favorecia. Rebateu as accusações do adversario, — e pouco antes collega de gabinete. Concordou em que a Guarda Nacional devia ser a primeira garantia da liberdade, quando formada de todo o povo armado, — pois que a nação armada devia ser a melhor das guardas



Um Lava-pés em Munich

Na capital da Baviera, figuraram este anno no Lava-pés de sexta feira Santa doze pobres velhos, cuja idade total attingia 1124 annos. E' muito curioso o grupo que reproduzimos

da Constituição. «Mas, por agora, não convinha, como todos sabiam, distribuir armas... a todos». E, depois d'isto assim dito, com sangue frio e ás vezes com malicia, — de caso em caso, de assumpto em assumpto, chegou ao final, onde levantou a questão pessoal:

«— Agora emquanto ao caso pessoal, em que o sr. deputado falou, dizendo ter eu lançado um stigma na sua pessoa, por se terem omitido certas palavras no decreto que o exonerou de secretario d'Estado, ao mesmo tempo que os decretos dos seus collegas exonerados n'essa occasião continham as ditas palavras, parecia-me que a delicadeza do mesmo sr. deputado o determinaria a não falar n'isso; a minha situação faz tambem que eu não deva entrar em detalhes que poderia mencionar: mas se o sr. deputado quizer alguma explicação sobre isso... busque a na sua propria conducta quando ministro.»

Esta réplica, como se vê, estava longe de ser uma satisfação. Pelo contrario. O agravo tomava o caracter d'uma confirmação. O modo rispido como fôra pronunciada a phrase «se quer uma explicação, procure-a na sua conducta como ministro», deixava José Alexandre de Campos ainda peor collocado. Ou tinha de haver duello, ou tinha de haver discurso. Houve discurso:

«— S. ex.ª o sr. presidente do conselho, respondendo á minha observação, parece-me que o fez com algum desabrimento e até me parece que usou d'uma expressão que o uso admite antes... nos livros mestres regimentaes. E' a palavra — *conducta*. Falo da expressão de s. ex.ª quando disse que appellava para a minha consciencia relativamente a esses actos. O que s. ex.ª sabe muito bem, e que o parlamento vai saber (se já o não sabe), é que durante o meu ministerio, nos acontecimentos de março, a minha consciencia governativa foi perfeitamente identica com a de s. ex.ª, por isso s. ex.ª, appellando para a impureza da minha consciencia governativa, não deixou illeza a sua. Fui aonde entendi que me chamava o meu dever...

«Continuei no ministerio e em harmonia com as medidas que se tomaram para o restabelecimento da ordem, até que chegou o momento em que eu era d'opinião que se podia conseguir esse resultado sem effusão de sangue. S. ex.ª foi então d'outra opinião... S. ex.ª ficou no ministerio, eu sahi para a rua: deixando de ser ministro, deixei de ter responsabilidades no que se fazia... Agora o que eu não posso deixar de ponderar a s. ex.ª é que, tendo eu combatido a sua politica pelos seus actos meramente, elle se lembresse de stigmatizar a minha consciencia, quando o homem publico responde pelos seus actos, e não pela sua supposta consciencia. Eu já pedi a apresentação d'esses actos, para me poder justificar perante o parlamento; se existem esses factos, produzam-se, que eu quero saber-os, não como interesse pessoal, mas como interesse ligado a todo o homem publico.»

Este discurso pedia outro. Sá da Bandeira retrucou:

«— Sr. presidente, pedi hontem a palavra unicamente para responder a um ponto do discurso que fez o sr. deputado pela Guarda, cujo ponto é aquelle em que elle disse julgára o seu pundonor offendido pelo decreto de 9 de março de 1838, que o exonerou do cargo de ministro da justiça, conservando-lhe as honras de secretario de Estado. E' certo que o decreto não declarou que Sua Magestade se achava satisfeita com o serviço do sr. ex-ministro. Eu creio que elle prezou a honra que Sua Magestade lhe fez, pois que, depois da sua demissão, já o vi com uniforme de ministro de Estado. Quanto á de-

claração de que Sua Magestade fôra satisfeita com o serviço d'um empregado publico, é isto uma graça como outra qualquer; e até agora ainda se não disputou este direito á corôa. E' para admirar que um empregado amovivel do governo, um ex-ministro da corôa, seja o primeiro que venha submeter ao juizo d'esta camara uma prerogativa da corôa. Esta camara, porém, não é tribunal competente para decidir sobre um tal objecto. (*Apoiados repetidos.*) O sr. deputado pela Guarda, referindo-se pessoalmente a mim como sendo eu então presidente do conselho de ministros, fez-me uma gravissima accusação, porque o sr. deputado declarou que se tinha separado da politica dos seus collegas, quando o presidente do conselho queria um governo de sangue... E' isso o que se acha impresso no *Diario*, e creio que foi isto o que o sr. deputado disse. O que o presidente do conselho queria, era o que os outros ministros queriam tambem. Embora não seja costume trazer a esta camara factos passados no conselho, como o sr. deputado deu o exemplo, sou obrigado a responder-lhe. O presidente do conselho queria que os individuos illudidos, e que tinham faltado aos seus deveres, entrassem n'elles; que para isso se empregassem todos os meios de persuasão; mas no caso dos meios suaves não serem bastantes, que fossem então postos em pratica os meios que o governo tinha á sua disposição. A opinião do sr. deputado, então ministro da justiça, se fosse adoptada pelo conselho, traria em resultado o estabelecimento d'uma força estranha que humilbaria a corôa, dominaria o poder executivo, e insultaria a auctoridade do Congresso Constituinte... Quando se passou o decreto da demissão do sr. ex-ministro foi em 9 de março; ora nem n'esse dia, nem nos tres seguintes houve derramamento de sangue n'esta capital, e se (com pesar o digo) o houve no dia 13, decerto não foi por culpa do presidente do conselho de ministros, o qual, como todos sabem, expoz por vezes a sua propria vida, afim de que tudo terminasse por um modo tranquillo, e que se não chegasse aos ultimos extremos; portanto, a asserção que o sr. deputado ex-ministro fez é uma asserção gratuita, para lhe não dar outro nome, e que eu classifico como outras do mesmo sr. deputado. Todos sabem que n'aquella epocha foi o principio da moderação que dirigiu o Poder Executivo. O governo empregou todos os meios de persuasão, ao mesmo tempo que tinha a possibilidade de acabar dentro de dois minutos com toda a desordem, mesmo dentro do seu foco, se quizesse empregar a força para o conseguir. O governo, para evitar effusão de sangue, consentiu em cousas abaixo da sua dignidade. Eu, porém, não me arrependo de ter empregado os meios de persuasão primeiro do que os da força... Terminarei dizendo que emquanto á phrase de que se serviu o sr. deputado, notando a impropriedade de eu ter falado da sua *conducta*, declarando que tal phrase era mais de um Livro Mestre d'um regimento do que do parlamento, a isso respondo que nós outros, os militares, somos taxados de ignorantes e que, sobre a propriedade d'uma palavra, o professor de direito da Universidade de Coimbra... seguramente pôde dar quinau a um militar. (*Riso.*)»



D. Carolina Rosa Ventura Ferreira

† no Porto em 6-5-905

Senhora virtuosissima e mãe do considerado capitalista, João Ventura Ferreira. Contava pouco mais de 60 annos quando a morte a surpreendeu na sua casa da Foz do Douro.



Dr. Frederico Lázaro Côrtes

† em Faro em 8-5-905

Natural do Algarve, formou-se em direito em Coimbra, e durante mais de 30 annos exercera a advocacia na sua provincia, onde pelo seu merito pessoal e pelo seu caracter e honestidade granjeou a estima de todos e um nome cê-l-bre nas intrincadas questões forenses. O dr. Frederico Côrtes, antigo governador d'aquelle districto, era irmão do illustre clinico dr. Francisco Côrtes e cunhado do director d'esta Revista, Lorrjô Tavares.

O riso da camara mata um debate. Perante uma camara que ri a discussão acaba. Quem quizer, desde esse momento, persistir na contenda, tem de levá-la para o lado trágico, rematando-a bruscamente, com uma grave injuria, que só se lave com sangue, cá fora; ou então tem de fazer, como dizem os francezes, *bonne grace contre mauvaise fortune*. José Alexandre de Campos não foi para a tragedia. Preferiu fazer um novo discurso, com uma variante na accusação: o governo procurava cobrir as suas responsabilidades com o manto régio. Respondeu-lhe logo o ministro do reino protestando contra taes palavras — e passou-se a outro assumpto. A questão pessoal estava arredada.

J. BARBOSA COLEN.



Chaves

A villa de Chaves é a mais importante do districto de Villa Real. Está ali aquartelada infantaria 19, em frente de cujo quartel fica o velho castello, cuja gravura damos. A ponte sobre o Tamega, que inserimos tambem, é muito antiga: vem dos romanos, mas está bem conservada. Foi o imperador Flavio Vespasiano quem fundou Chaves dando-lhe o nome de *Aguas Flaviae* em homenagem ás famosas aguas thermaes, já a'quelle tempo celebres. São afamados hoje os banhos de Chaves, de Vidago e de Villarinho, todos na villa de Chaves, cuja veiga se distingue pela fecundidade, pela amenidade e pela belleza.



Bahia

A Bahia foi uma das mais antigas capitánias do Brasil e das mais importantes, se não a mais importante provincia do Brasil e tem milhão e meio de habitantes. Foram os bahianos que por mais tempo se conservaram fieis a Portugal e tambem dos ultimos a acceitarem o novo regimen, não porque fossem refractarios a quaesquer normas liberaes, mas por serem discretos e ponderados em todos os seus actos.

A Bahia tem dado ao Brasil notaveis estadistas, jurisconsultos, medicos, soldados, poetas e oradores, e possui faculdades de medicina e direito consideradas as mais importantes da grande republica sul-americana.

O *Brasil-Portugal* publica no presente numero photo gravuras do theatro de S. João, coustruido pelo sexto conde da Ponte, João Saldanha da Gama, quando governador da então capitania portugueza, no reinado de D. João VI; da praça Castro Alves, onde se acha o monumento do auctor das *Espumas fluctuantes*; da Alfandega; e da estação dos Carris Urbanos.



Eduardo de Noronha

Capitão de infantaria, antigo jornalista, publicista distincto, e actual redactor do «Diário de Noticias», o seu ultimo trabalho «Herões e Martyres», inspirado nas velhas glorias portuguezas, marca-lhe de vez logar entre os escriptores modernos. O «Brasil-Portugal» presta-lhe a devida homenagem, fixando o seu retrato n'esta pagina.

Lagosta á americana

Prologo

Escolha uma lagosta airosa, das melhores,
Depois deite-lhe a mão á casca com firmeza,
E se ella se puzer a estrebuchar com dôres,
E' coração ao largo! arme-se de dextreza,
E em plena vida quanto a sinta a resfolgar,
Zaz! retalhe sem dó o cardeal do mar.

Receita

Deite

Cada um por sua vez no azeite
Os pedaços ainda palpitantes,
Um tudo nada de alho bem pisado,
Pimenta, sal, tempêros abundantes,
Vinho branco bom e tomate;

Deixe

Que isso fique bem apurado
E que avive ainda o escalate
Da linda tunica do peixe;

Mais ou menos para cozel-o
Uns bons trinta minutos conto
Um pouco de cayenna e gelo
Para rematar bem e... prompto.

Molho de chorar por mais
Que as volupias sensuaes
Tantas nasçam d'elle e tanto
Que façam damnar um tanto!

Epilogo

Com este ideal e perfido pitéu,
Capaz de dar espirito a um sandeu,
Não ha belleza arisca, está provado,
Por mais forte que seja e resistente,
Que não succumba fatalmente
Em gabinete reservado...

Versão de Jayme Victor.

CHARLES DE MONSELET.



Um príncipe padre

Maximiliano Guilherme Augusto Alberto Carlos Gregorio Odon nasceu a 17 de novembro de 1870 em Drese. Tem portanto 35 annos. E' doutor em direito e em theologia, tomou ordens em 29 de julho de 1896, foi professor de direito canonico e de liturgia na Univerdade de Fribourg, na Suissa, cavalleiro da Agua Preta e de Santo Humberto. Hoje é um dos pregadores mais afamados de Paris, onde reside. O padre Maximiliano é o irmão mais novo do actual rei da Saxe.



CHAVES. — Aspecto geral da villa (lado sul) vista da margem direita do Tamega

Politica internacional

O que não ha muito prophetisámos com respeito á estabilidade do ministerio Villaverde, vae-se convertendo em realidade indubitavel. O governo hespanhol está virtualmente em crise ha umas poucas de semanas, e, embora não se saiba precisamente o dia da sua queda, prevê-se ella para muito breve, logo que o rei tenha voltado da sua viagem a Paris e a Londres. As côrtes devem abrir-se em 14 de junho, e se antes d'isso o ministerio não se sumir pelo alcapão, que já lhe está preparado, é fóra de duvida que não resistirá ás sessões das camaras, onde o aguarda a violenta opposição de todas as fracções liberaes colligadas. Diz-se que o presidente do conselho tem grande confiança no effeito dos projectos de lei que tenciona apresentar ao congresso, no proprio dia da abertura do parlamento. Mas quem pôde illudir-se com esta fraca esperanza? Em outro qualquer paiz era possivel semelhante effeito. Em Espanha, de modo nenhum. A sorte do ministerio depende inteiramente do resultado das intrigas, que em volta d'elle se estão tecendo. Nem sequer a opposição dos liberaes pôde contribuir efficaamente para a sua queda,

que ha de ser apenas determinada pelo proprio partido conservador. Se Maura, Silvella, Dato, Azcarraga e os outros *prohombres* do conservantismo se decidem a sustentar Villaverde, quando mais não seja pelo receio de que a situação politica passe aos liberaes, o gabinete sustentar-se-ha. Se pelo contrario as rivalidades entre estes diversos grupos e o governo pôdem mais do que os interesses partidarios, que são communs a todos elles, está o gabinete irremediavelmente perdido e nada ha que o salve.

Demais a questão com os protestantes, que acaba de tomar nova feição pela inconfidencia do bispo de Barcelona, que publicou sem auctorisação a carta que levanamente Affonso XIII lhe escrevera sobre o assumpto, mais ainda veio complicar a situação do ministerio, já abalada por tantas outras questões. E é singular que o governo do sr. Villaverde se lance, em nome da unidade catholica e contra a lettra expressa da constituição, n'uma perseguição mais ou menos declarada aos protestantes, exactamente no momento em que o rei se prepara para ir a Londres, e em que tanto se falla do seu casamento com uma das filhas do duque de Connaught! Extranha maneira de festejar as bodas de Affonso XIII com uma princeza anglicana.

Mais uma vez se confirma a apreciação que n'este mesmo sitio fizemos da capacidade politica do actual presidente do conselho de ministros de Espanha. Pôde ser um bem intencionado; concedemol-o. Pôde ser um bom administrador; admittimol-o. O que não é, é um espirito largo, — uma cabeça directora e um pulso forte — para guiar



Chaves — Ponte sobre o Tamega

e conter as ambições de um grande partido de governo. D'ahi a causa principal das dificuldades com que lucta.

Continúa em suspenso a expectativa a respeito do destino e dos intentos da esquadra de Rojdestvsky. Quando todos de um momento para o outro esperavam a grande batalha, que o almirante russo parecia querer offerecer sem demora á esquadra japoneza, eis que elle muda de tenção, pelo menos por agora, e interrompe bruscamente a sua marcha para o norte, isto é, ao encontro do inimigo. A que plano obedece esta mudança de estratégia? Difficil é n'este momento dizê-lo, por isso que se ignoram as condições em que se encontram os navios russos. Se estão sujos a ponto da velocidade d'elles se encontrar perigosamente diminuida; se o abastecimento de carvão é insufficiente e não lhes permite percorrer a distancia, que os separa de Vladivostok; se a doença do almirante Rojdestvsky é de tal modo grave, que o impede de poder dirigir as operações, tanto nauticas como militares, que entraram actualmte no periodo verdadeiramente critico; então a demora da esquadra russa em avançar para o norte tem por motivo um caso de força maior, e nada ha contra ella que objectar, a não ser que a extranha determinação do governo russo de enviar a esquadra do Baltico ao Extremo Oriente esbarrou com as dificuldades, que foram por todos previstas. Se pelo contrario nenhuma d'estas circumstancias se dá; se os navios de Rojdestvsky estão limpos e bem municados; se o proprio almirante, embora fatigado como é natural, pôde no entretanto dirigir pessoalmente as operações militares; deve então a interrupção da visgem da esquadra para o norte obedecer a um plano, ou de antemão estudado, ou suggerido pelas circumstancias de momento. Qual poderá ser esse plano? Attrahir o almirante Togo para o sul, afim de o affastar da forte base de operações, que elle escolheu ao norte da Formosa, e dar-lhe batalha nas mais desfavoraveis condições para os japonezes? Parece-nos infantil. Se Togo resolveu esperar os russos ao norte da Formosa, é alli que os esperará e nada o demoverá d'essa resolução. Já por mais de uma vez, ainda em vida do almirante Makarov, elle mostrou que se não deixa cahir facilmente nos laços que lhe preparam, tirando pelo contrario partido d'elles para enredar o inimigo.

Se o plano de Rojdestvsky é pelo contrario illudir a vigilancia dos japonezes, esperando o momento opportuno para se escapar sem

ser presentido para Vladivostok, parece-nos elle perigoso por diversos motivos. Em primeiro logar uma esquadra como a russa, composta de tantas unidades de typo tão differente, não pôde passar sem ser descoberta por uma zona, que deve estar cheia de vedetas em todas as direcções a espiar-lhe os movimentos. Ora cada dia que passa, sem os navios russos se moverem para o norte, é uma probabilidade a menos que elles teem de chegar ao porto do seu destino porque o carvão vai-se gastando e da Formosa para cima não é facil, é mesmo



CEAVES. — Igreja e Hospital da Misericórdia

impossivel, que elles encontrem para se abastecerem as facilidades, que tiveram nas costas do Annam. Tudo aconselha pois o almirante russo a proceder com presteza, já que o governo de S. Petersburgo commetteu o erro de o não mandar retroceder a tempo. Demais, dentro em pouco começa o tempo critico para a navegação no mar da China, por causa dos tufões, o que mais precaria vem tornar a situação dos russos. Não se percebe, pois, por que esperam já que até ali chegaram.

E' muito possivel que as horas agora perdidas pelo almirante Rojdestvsky representem para elle uma perda irremediavel.



CHAVES. — Vista do castello tirada do interior da parada do quartel de infantaria

Continúa no mesmo pé a crise hungara. A colligação opposicionista não cede. A corôa não transige. E ha cinco mezes que a Hungria está sem governo, que o parlamento não funciona, que a administração está paralyzada. A situação começa a tornar-se excepionalmente perigosa, e não tem precedentes em nação alguma europeia. Nunca se viu estar durante tanto tempo um paiz sem governo; porque embora continue á frente dos negocios o conde Tisza, depois da derrota eleitoral que soffreram o presidente do conselho e os seus collegas nada já representam, e falta-lhes o prestigio e a auctoridade sufficiente para se manterem no poder sem darem origem a justificadas reclamações da maioria.

Assim mesmo o comprehendeu o conde Tisza, tendo por mais de uma vez instado com Francisco José para que lhe dê um successôr. O velho imperador, porém, illaqueado pelas influencias palacianas da sua côrte austriaca e porventura tambem, segundo se afirma, pelas suggestões do seu aliado Guiherme II, tem se negado até agora a isso, recusando-se a qualquer solução que represente uma concessão ao partido da independencia. Leva a ponto tal a sua intransigencia, que já se falla na abdicção como o desenlace mais provavel do conflicto, desenlace que no entretanto representaria apenas um adiamento da questão, visto que a situação com o successor de Francisco José seria exactamente a mesma, aggravada ainda pelas naturaes consequencias da demora e m a resolver.

E no entretanto ha questões urgentes a decidir, que exigem que quanto antes a Hungria entre na normalidade da sua vida politica. Ha os tratados de commercio com as nações estrangeiras, que carecem da instante approvação parlamentar; ha as leis militares, que teem de ser sancionadas pela camara, sem o que não pôdem ser postas em execução; ha diversas obras de interesse publico immediato, que teem de ser continuadas sem demora e que o não serão se não lhes forem votados os credits indispensaveis; ha sobretudo o «compromissa» (*Ausgleich*) com a Austria, que está a expirar e que precisa ser renovado, sob pena de a separação completa dos dois reinos se realizar immediatamente.

Conforme se vê d'esta summaria indicação, a actual crise politica e parlamentar tem de terminar sem demora, ou o paiz cae na anarchia administrativa e no cahos social, de onde

depois será difficil arrancar-o. Não se comprehende mesmo, a não ser por uma inexplicavel obsecação, como Francisco José, que era até hoje considerado habil diplomata e politico previdente, não vê o perigo que ameaça não só a Hungria mas toda a monarchia.

Diz-se que a corôa resiste a conceder a lingua nacional de commando á parte hungara do exercito imperial, porque semelhante com cessão representaria um passo dado no caminho da separação dos dois reinos. Suppunhamos que assim seja, ainda que ha auctoridades a affirmar, que em vez de affrouxar a união tal medida deve pelo contrario robustecel-a. O que não póde, porém, negar-se é que a actual crise, se se prolonga, não só representará um passo para a separação, mas tornará inevitavele completa essa mesma separação, que o imperador pela recusa em acceder á exigencia da lingua de commando, procura, na opinião dos seus defensores, salva) guardar. Ora entre um mal menor (ainda que o seja) e simplesmente possível, e um mal maior e certo, não seria mais habil e patriótico decidir-se pelo primeiro? *Dicant Paduaní...*

CONSIGLIERI PEDROSO.

ESCANDALO!

de Antonio de Albuquerque

Não sae ha muito dos prelos portuguezes um livro com a viveza de colorido e a intensidade de drama que caracterizam o *Escandalo*, ultimo romance de Antonio de Albuquerque.

Este escriptor, não obstante viver fóra dos syndicatos litterarios e da voga preparada pelos reclamos desenfreados, conseguiu ter um publico de *élite*, que aprecia a sua obra pelo que ella vale, o seu valor pelo que tem de indiscutido e authenticico.

O *Escandalo* é um desdobraimento de scenas da vida de provincia, em que o adulterio, visto sob uma phase nova, com um desenlace emocionante, tem um tão accentuado relevo litterario que empolga o leitor, tanto pelo brilho da fórma, como pela vivacidade do dialogo, a côr da paisagem, a nitidez e firmeza dos caracteres, e o desenrolar das paixões, humanas e não artificiosas, que estuam e vibram de intensidade nas quatro centos e cincoenta paginas d'esse livro adoravel que, n'uma bella edição da casa Tavares Cardoso, appareceu não ha muito nas estantes dos livreiros.

Com o desenvolvimento que elle merece falaremos mais tarde na nossa secção especial, do sentido e dramatico romance de Antonio d'Albuquerque.



BRASIL. — Estação da Companhia Carris Electricos, na Bahia

Captain Boyton

O *Asiatic* saira do Cabo da Boa Esperança com mar chão e briza fraca do noroeste.

Ao segundo toque de sineta todos os visitantes saltaram em terra e o convex ficou desimpedido. Pouco depois largava da doka e desceia vagarosamente o canal, aprofado ao mar.

Na passagem chegava até nós os — hurrahs! — dos marinheiros que nos saudavam de bordo dos outros navios atracados aos caes, acenando com os lenços e movendo acima das cabeças os seus chapéus brancos.

Era o ultimo — *boa viagem!* — enviado pelos que ficavam aos que partiam. E nós todos, impressionados por uns vagos presentimentos, conservavamo-nos por muito tempo á amurada, fixando o olhar na terra que fugia por bombordo.

Era ali por m-iados de agosto. O sol, quasi a mergulhar no horizonte, afogava-se n'um grupo de nuvens vermelhas que rasavam o oceano. As vagas vinham do largo, cavando-se indolentemente e mostrando os seus dorsos abaulados e lisos como grandes cylindros de cristal, que se desfaziam sem ruido no costado do vapor. E o *Asiatic* erguia-se e afundava-se suavemente, leutemente, como um enorme cetaceo adormecido.

Uma hora depois sumia-se nas brumas a *Table Mountain*, e accendia-se ao longe, ao lume do mar, o pharol do Cabo. A terra vigilante e boa parecia assim proteger a nossa derrota para o norte. E aquelle olhar seguiu-nos, seguiu-nos, até que pouco e pouco se amorteceu e extinguiu de todo.

Ficou então a vastidão grandiosa do mar, a magestade imponente do ceu, onde luzia ainda o *cruxeiro do sul* e o sussurrar continuo das ondas, como um longo lamento surdo e triste.

A' prôa, entre os passageiros de terceira, havia uma *coolie*, rapariga franzina, de olhos languidos, muito pretos, e cabellos luzidios com reflexos fugitivos de seda negra. Vinha do Cabo. Morrera-lhe lá o marido, e ella voltava para Santa Helena, a sua patria, com as suas lagrimas e um filho.

Os marinheiros affeição-ram-se áquella rapariga triste e meiga que passava longas horas no convex, olhando, n'uma immobillidade de estatua, para além da crista das ondas, em que ha muito se escondera a terra, em quanto o pequeno William rolava na escotilha grande abraçado ao velho Tom, o rafeiro do bordo.

De manhã, logo depois da baldeação, a *coolie* mettia o filho n'uma grande tina d'agua fria. E elle, agarrando com mãos pequeninas as orelhas compridas do amigo, ria-se, todo curvado, estremeecendo ao contacto da esponja. D'ali por pouco, quando a mãe lhe vestia a camisita de linho, William escapava-se para correr até a primeira camara, seguido por Tom que ladrava e saltava de contente. E, ao vel-o, os passageiros faziam alas e deixavam passar aquelle pe-



BRASIL. — O edificio da alfandega, na Bahia



BRASIL. — A praça Castro Alves, na Bahia

queno traquinas de dois annos — um turbilhão de luz, alegre como ella.

— *Here, William!* Mas debalde o chamavam. Era seu aquelle convez liso, sua aquella liberdade de correr em camisa por ali fóra até á escada da camara, onde havia umas senhoras que o beijavam e lhe davam bolos, que elle repartia com o rafeiro.

Disputavam-o os marinheiros, passeavam-o, riam com elle, adormeciam-o cantando-lhe canções suaves. E William, embalado por essas vozes rudes que se adoçavam para elle, deixava-se ficar quieto, tranqüillo, confiado nos braços musculosos que o sustinham com a delicadeza das mães. Era o anjo bom de bordo. O marinheiro é geralmente supersticioso. Nas longas viagens, tendo por horisontes o mar e o ceu, affeição-se com facilidade a uma estrella, ao canario, ao gato, a uma creança, a um nada. E á noite, se a estrella se esconde nas nuvens, a alma do marinheiro annuvia-se: o gato arrédo traz lhe pesadellos: o canario que emmudece fal-o scismar. William era a estrella do norte d'aquelle mundo fluctuante. A morte de William seria o pronuncio d'alguma grande catastro-he. E elles, na sua crendice supersticiosa, cercavam-o de cuidados, enchiam-o de mimos, adoravam-o.

• • •

Eram oito horas da manhã. O sol erguera-se afogueado. O ceu azul, sem nuvens. Aragem ligeira de leste, e mar direito em ondulações vagarosas, como um lago infinito de azeite. Na ponte o official de quarto. Pela tolda lia-se, jogava-se, conversava-se em grupos. Deitavamos doze nós e o themometro marcava 27° centigrados. A vaga de travez fazia jogar suavemente o *Asiatic*. A meio do navio, William, sentado na escotilha, abraçava a cabeça enorme de *Tom*, e dizia-lhe ao pé das orelhas grandes segredos interminaveis na sua vozinha infantil, cortada

de muitos — *ahs!* — cariciosos. E embalava-o assim de vagar, deixando balançar as pernas vermelhas e núsas. De repente ouviu-se uma voz forte gritar de alto do ceo da gavea:

— *Land!*

A esta noticia de terra á vista todos os corações estremeeceram. Fez-se um tumulto em todo o navio e um instante depois havia mais de sessenta binoculos assentados ao horisonte. O official de quarto perguntou da ponte para cima, fazendo das mãos porta-voz:

— Em que direcção vés terra?

— Pela amara de estibordo...

Mas outra voz, abafou a resposta do marinheiro:

— Homem ao mar!

Correu tudo á amurada de bombordo. O *quarter-master*, em pé no guprés, apontava para o mar, onde se revolvia um objecto esbranquiçado.

A' alegria de — terra á vista! — succedeu o terror, a consternação que este grito horrível de — homem ao mar! — desperta sempre em todos os corações.

Os passageiros atarantados corriam de um lado a outro, dificultando as manobras. Um inferno de gritos, de desmaios, de atrapalhação. Cabeças de mulheres pallidas enclinavam-se á borda do navio, com os olhos humidos de lagrimas cravados no mar que ondulava placido e e como que indifferente áquella tremenda desgraça.

Um marinheiro, saltando para a ponte, cortou rapidamente os cabos que prendiam dois salva-vidas e arrojou os febrilmente á ondas, enquanto o commandante fazia parar a machina, mandando dar toda a força para traz. Mas o *Asiatic*, impellido pela velocidade adquirida, continuou a seguir para deante, sem obedecer ás rotações vertiginosas da helice que levantava montes de agua á ré. Entretanto a tripulação arriava os escaleres presos nos tureos. Mas um dos escaleres alagou-se e o outro ficou suspenso a meio do costado, detido bruscamente: um cabo pren-



BRASIL. — O theatro de S. João, na praça de Castro Alves, na Bahia



Escola medico-cirurgica de Lisboa

Curso do quinto anno

Da esquerda para a direita, 1.º plano (sentados): — Moniz Tavares — D. Maria Joanna Pereira — Padua — Monteiro — D. Sophia Quintino — Santiago — Celestino da Costa — Costa Santos.
 2.º plano (de pé): — Manuel Lourenço — Victor das Neves — Dias da Silva — Lillo José Tierno — Manchêgo — Aurelio Bello — Costa Junior — Silvio Rebello — Simões Alves — Futsches Magalhães — Arbués Moreira — Cebola — Tavares Netto
 3.º plano (de pé): — José Coelho — Xavier da Silva — Eduardo Santos — Villaret — Sanguinetti — Julio Martins — Piedade Sequeira — Rego Junior Goulão — Mario Costa — Mattos Graça — Pires de Lima Brou — Amaro Netto.



LISBOA NOVA. — A casa do pintor Malhóa na Avenida Fontes Pereira de Mello

dera-o na talha dos turcos. Foi um instante de angustia e de dôr. Ao grito de — homem ao mar! — tinha respondido um outro grito estridulo e agudo, e uma mulher caía pesadamente no tombadilho: era a *coolie*.

William, n'uma das oscillações do navio, rolára até á amurada, e, saindo por uma das portinholas mal fechada, resvalára docemente, para cima de uma vaga, em que ficou fluctuando, em quanto o *Asiatic* se afastava para o norte, deixando-o pela pópa.

O velho *Tom*, em pé na borda, uivava sinistramente ao mar que gemia com a sua impassibilidade irritante: e n'aquelles uivos tristes havia como que lagrimas choradas pelo pequeno William, o seu generoso amigo das merendas alegres, pelo convex, á luz benéfica do sol.

Angustias de momentos teem por vezes a duração d'um seculo. Um escaler que se arriasse chegaria tarde. Era preciso esperar, e esperar que o navio, vencida a sua inercia, galgasse de novo a distancia percorrida. Segundos depois o *Asiatic*, por momentos immovel, principiou a

nete o immediato indicava o rumo a seguir, mas movendo a cabeça desalentado, com uma tristeza de mau agoiro.

— Que é? Que vê d'ahi?

E elle, lá de cima, respondeu ao commandante em inglez:

— O pequeno deve ter-se afundado. Vejo apenas fluctuar um trapo branco ao cime da agua. E' talvez a camisa d'elle...

Vi lagrimas como punhos nos olhos d'um velho gageiro, um colosso crestado do sol. Mas durou pouco o desanimo produzido por aquellas palavras do immediato. Mais de trezentas bocas soltaram ao mesmo tempo um longo grito de alegria doida, que resvalou pela superficie deserta do oceano, subindo como uma oração curta e eloquente para as camadas superiores da atmosphaera onde ficou vibrando por segundos. E a esse brado unisono de jubilio respondeu um latido prolongado de *Tom*.

A menos d'uma amarra, pela ré, estacionava uma como que vela preta de vento: ir-se-ia um d'esses barquitos de cortiça que as creanças fazem singlar pela superficie dos lagos aos beijos leves da aragem.



LISBOA NOVA. — Avenida Fontes Pereira de Mello

recuar lentamente para o ponto em que se despenhára a creança. Um estremecimento de alegria percorreu a multidão agglomerada no castello da pópa, e todos os olhares se cravaram ao longo n'um objecto que alternadamente surgia ao alto das vagas e se afundava na cava do mar.

— Lá está elle! Lá está elle!

E subiam ás enxarcias, esperançados, quasi risinhos. Um grupo de senhoras rodeava a *coolie* desmaiada: outras, de joelhos, rezavam fervorosamente ao Deus da sua creança. Escarranchado na verga do joa-

Todos os braços se estenderam para aquella embarcação de nova especie, que ondulava ao sabor da vaga: William, deitado de costas, parecia ter adormecido n'aquelle grande berço do mar, que o embalava suavemente com a sua melopeia suave e triste.

N'um dos balanços do navio, uma onda, chegando á altura das obras mortas, diminuiu a queda de William que saía pela portinhola de bombordo, e a brisa de leste, enchendo-lhe a camisita afogada sustentara-o no lume d'agua.

Sobre William enfunava-se uma vela providencial, a unica que se

PORTO-PORTUGAL



Fachada da Igreja parochial de Leça da Palmeira

Lisboa nova

avistava sulcando o enorme deserto das ondas — salva-vidas providencial posto pelo acaso entre dois abysmos: o coração de uma mulher e o seio mysterioso do mar.

Um delirio! risos, apertos de mão, rostos radiantes, felicitações, gargalhadas ainda humidas de lagrimas boas, um contentamento geral, uma festa em todo o navio! Uma *miss* muito pallida e loira, em pé na

Tem soffrido, n'estes ultimos annos, uma larga transformação a capital. Alem de ruas novas que prolongam até ao Campo Grande a Avenida da Liberdade, e onde se tem feito edificações boas, as obras da tracção electrica ligando os pontos mais distantes da



LISBOA NOVA. — A rua Alexandre Herculano. — Os trabalhos para a tracção electrica

escotilha grande, entoou com a sua voz de meio soprano uma d'aquellas canções sacras do seu paiz, tão cheias de doçura e de poesia. Ouvimos-a todos em silencio, descobertos. E quando ella concluiu, um maribeiro, agitando o chapéu, enthusiasmado, gritou commovido:

— *Hurrah for little Captain Boyton!*

E a tripulação, tocada por tantas sensações, principiou, como um só

cidade, imprimem-lhe um movimento e uma animação extraordinarias. A objectiva do collaborador photographico do *Brasil-Portugal*, sr. Benoïel, apresenta-nos hoje o largo do Rato, depois das ultimas obras, onde vão entroncar mais linhas electricas; o começo da rua Alexandre Herculano, perto do Rato, onde se veem o edificio da nova synagoga, e o predio do distincto architecto o

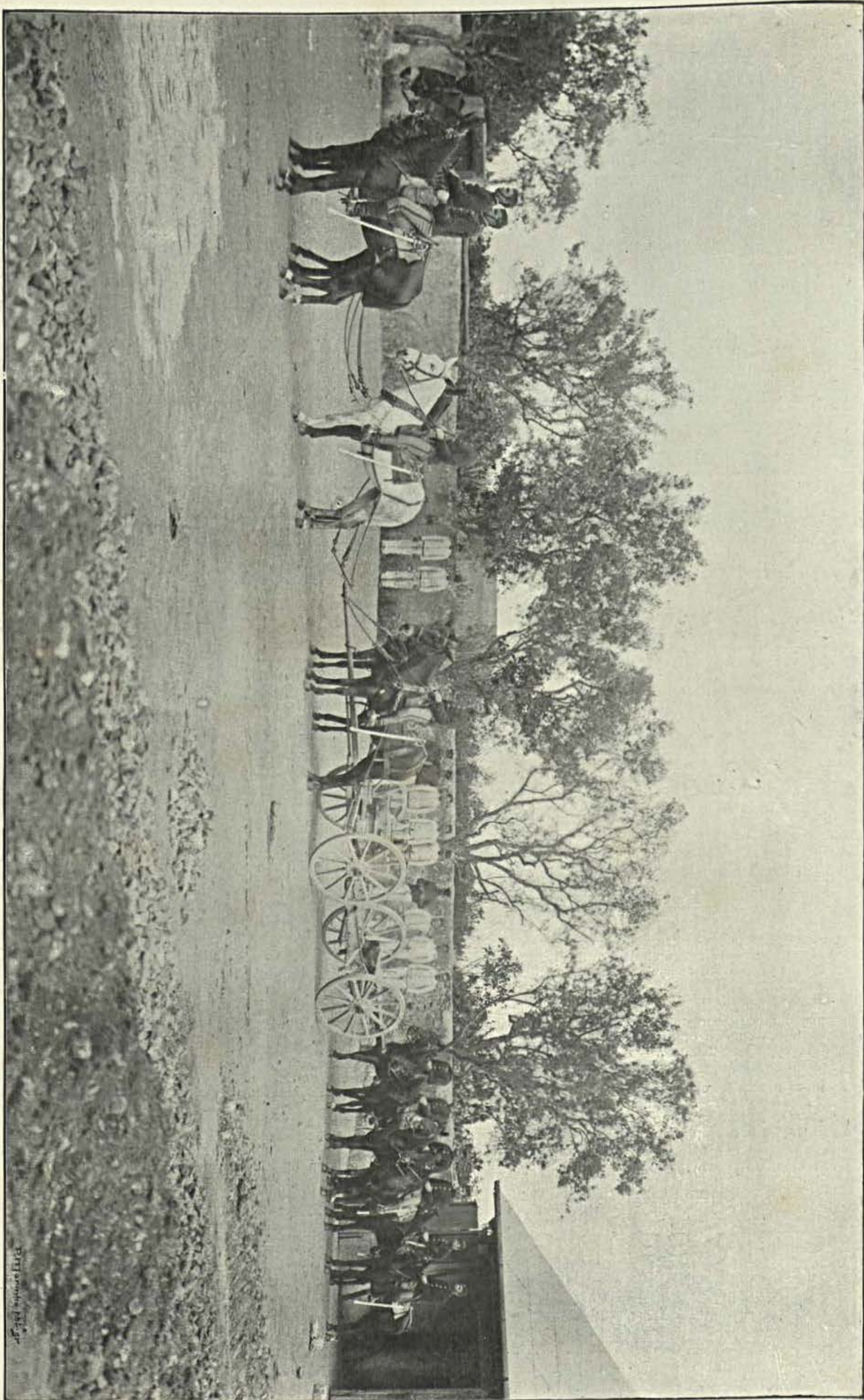


LISBOA NOVA. — O largo do Rato. — Os trabalhos para a tracção electrica

homem, o hymno patriotico — *God save the Queen!* — enquanto William, enrolado n'um cobertor de lã, nos braços da mãe, voltava para nós a sua carita vermelha e risonha, agarrando com as mãos pequeninas as orelhas do velho Tom, que talvez tivesse os olhos melhadros.

LORJÓ TAVARES.

sr. Ventura Terra, que obteve com elle o primeiro premio Valmôr; a elegante casa do distincto pintor Malhõa, e outro predio da Avenida Fontes Pereira de Mello, que é uma das ruas novas mais bellas. Assim proporciona o *Brasil-Portugal*, aos seus assignantes da America, o conhecimento das varias novidades que constituem os principaes melhoramentos de Lisboa moderna.



Grupo de baterias a cavallo, em Queluz

1911

Grupo de baterias a cavallo

A artilharia a cavallo tem por missão acompanhar as brigadas de cavallaria, devendo por isso satisfazer a condições especiaes de ligeireza do seu material e de rapidez na sua mobilidade; para o que os serventes acompanham as peças a cavallo, vindo-lhe d'aqui o seu nome.

O grupo de baterias a cavallo, aquartellado em Queluz, foi organizado em 1895, por uma ordem do ministerio da guerra, que determinou que a 5.ª e 8.ª baterias do regimento d'artilharia 1 passassem a constituir um grupo de baterias a cavallo, ficando subordinado organicamente a este regimento.

A boa vontade e distincção de quadros *d'élite* que constituíram estas baterias fez logo em 1896 sentir os seus efeitos nas manobras de cavallaria realisadas no Alemtejo.

Toda a arma d'artilharia, que é verdadeiramente notavel pelo seu espirito brioso de solidariedade, que tanta cohesão produz n'um meio militar, tinha os olhos fixos nos seus camaradas, que eram chamados a desempenhar pela primeira vez uma importante missão em que iriam prestar as provas dos resultados da sua instrução e boa vontade perante todo o exercito e nações estrangeiras representadas pelos seus addidos militares.

O successo foi completo. Ainda ha poucos dias um dos addidos militares mais illustres do nosso meio militar, quando nos falava das manobras de cavallaria de 1896, nos manifestou o seu entusiasmo pela forma brilhante como tinha manobrado o grupo a cavallo, que se encontrava ainda, por assim dizer, em embryão. Pela organização de 1899 ao grupo de baterias foi dada individualidade propria, passando a estabelecer-se independente no quartel de Queluz. D'então para cá, n'um curto periodo de 6 annos, por varias vezes o grupo a cavallo tem estado em foco, pela forma incomparavel como tem desempenhado os diferentes serviços, que são uma garantia para levar a effeito com todo o exito as operações da guerra. A celebre marcha de resistencia, em que se percorreram mais de 1000 kilometros atravez das regiões mais accidentadas do paiz, onde os officiaes e soldados confirmaram as qualidades soberbas de resistencia em marchas successivas de 40 kilometros, fez lembrar os notaveis *raids* realisados pela cavallaria americana na campanha separatista.

Se o grupo a cavallo não tivesse já conquistado um logar d'honra no nosso exercito, bastaria a forma verdadeiramente modelar como manobrou no hippodromo de Belem, deante de S. M. o Imperador da Allemanha, que n'essa occasião teve palavras de subido valor para as tropas portuguezas.

O sr. major José Lobo, official ás ordens d'El Rei, commandante actual do grupo a cavallo, tem pertencido sempre a esta artilharia desde 1895 em que foi nomeado commandante d'uma das baterias.

Os officiaes sabem viver na mais perfeita camaradagem e união, tendo unicamente em vista, e c'prihando todos á porfia, desde o seu illustre commandante até ao menor graduado, em manter a situação verdadeiramente distincta d'esta fracção da

arma d'artilharia, que dia a dia mais vae accentuando os seus creditos, por meio de factos perduraveis que confirmam tão nobremente o seu valor militar.

As duas Maias

(Excavações)

Ao poeta brasileiro Luiz Guimarães Junior

Encontraram-se um dia ao pé de umas olaias,
Uma ao sair do Parque, outra ao voltar da fonte,
a filha de um Senhor, que se escapara ás aias
e a filha de um pastor, que andava para o monte.

A mesma ideia as traz — vestirem-se de Maias —
E, a rirem, como o sol já nado no horizonte,
se inundam uma á outra em lucta fronte a fronte
de quanta flôr contêm nas regaçadas saias.

Porém a camponeza, ao vêr-se mergulhada
em rosas e jasmims, orchideas e lilazes,
uma alluvião de côr!... curvou-se envergonhada...

Traz muito malmequer, violetas e mais nada!...
Pois eu, lendo o teu livro, eu juro que me fazes
pensar na camponeza, ao dar-te o meu. Coitada!...

30.11.81.

FERNANDO CALDEIRA.

O JESUITA

Depois ha aqui, ali, não se sabe bem onde, o jesuita; o jesuita que se encontra e sente, sem se ver, em toda a parte, desde os paços até á taberna; o jesuita que veste gentilmente a farda bordada ou a farda lisa, a casaca ou o paletot, a beca, preta, roxa, encarnada, ou a grosseira jaqueta do operario; o jesuita, que, se compra, é mais impio que Voltaire, ou mais fanatico do que Pedro de Arbués e Torquemada; que é absolutista, democrata, socialista, communista, se a ordem de S. Ignacio interessa com isso; que seria, até, liberal, d'aquelles celebres liberaes do syllabus de hypothese tão abominavel fosse admissivel.

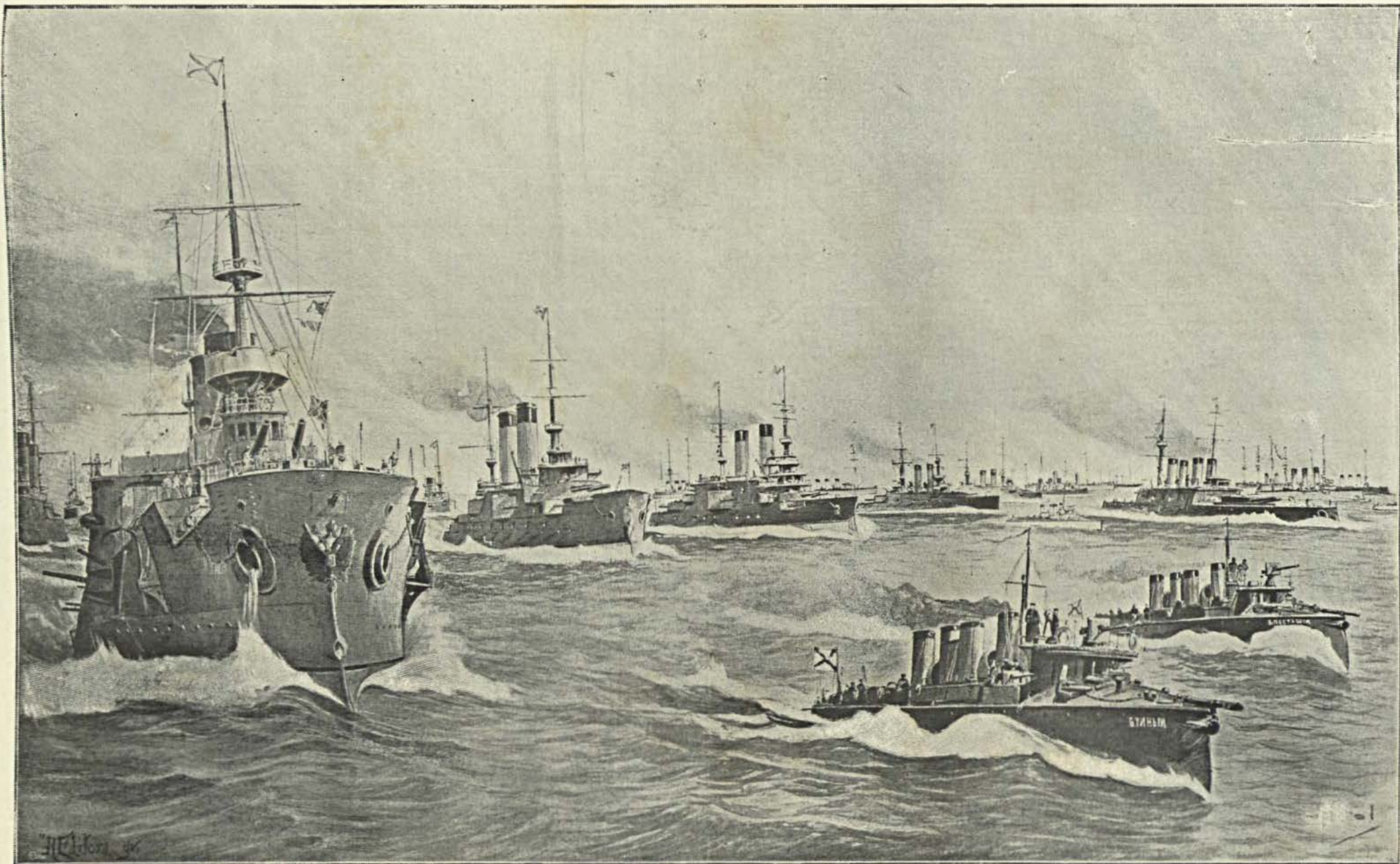
ALEXANDRE HERCULANO.



Grupo de baterias a cavallo, em Queluz. — Grupo de officiaes

Da esquerda para a direita, 1.º plano: — Tenente Conrado de Mello — Tenente medico Bugalho — Tenente Nepomuceno — Tenente Toteschi — Tenente Vieira — Tenente Baptista.

2.º plano: — Tenente Menezes Magalhães — Tenente Bastos da Fonseca — Major José Lobo — Capitão Paiva Conceiro — Tenente Teixeira.



Guerra Russc-Japoneza

A esquadra do Baltico commandada pelo almirante russo Rodjestwensky que acaba de ser destruida no combate naval no estreito da Corêa, em 27 e 28 de maio de 1905, morrendo o almirante, sendo mettidos a pique varios navios e aprisionados outros pelos japonezes os quaes soffreram tambem perdas importantes



D. Maria. Italia Vitaliani, — **D. Amelia.** Companhia hespanhola de zarzuela, — **Colyseu dos Recreios.** Companhia lyrica italiana.
Avenida, Palmyra Bastos

Pleno regimen de invasão estrangeira. Domina em Portugal a Hespanha e a Italia. E' a arte d'aquelles paizes que triumpham n'este momento. Mas, santo dominio, bemvinda invasão, triumpho abençoado! Por tal maneira que vencidos e vencedores commungam no mesmo erêdo e se deixam penetrar da mesma emoção!

Dá-se até com Italia Vitaliani um caso extranho e que, apesar de repetido, ainda teve o seu quê de imprevisito. E' que a sua victoria completa, absoluta, não se fez *au premier abord*, o seu predominio nos corações e nos espiritos foi lento e graduado, e attingiu o zenith depois de ter passado por uma longa escala de falhas e decepções.

Agora sim, de hoje em diante tem ella o direito incontestado de gravar esta divisa no seu brazão de arte: *Par droit de conquête*.

Por que foi ella, ella só, que só com o talento conquistou o publico; conquistou os mais renitentes, os mais intellectuaes, os *enobs*, que são os mais difficiles e os mais rebeldes a encantos de arte.

Italia Vitaliani não poude dizer como o general romano: «Cheguei, vi e venci» mas triumpho bem maior foi o seu, por que depois de, perante cadeiras vazias e espaços solitarios, desdobrar todas as modalidades, todas as maravilhas de uma arte na qual entram com partes eguaes o intellecto e o sentimento, depois de se não ter poupado a um só dos sacrificios, — pode assim chamar-se-lhe — a uma só das escabrosidades com que o grande artista para *réussir* tem que luctar, ella como se bastasse para compensal-a a approvação da sua consciencia artistica, noites e noites, viu, surdo aos gritos de angustia, ao desespero, ás torturas lancinantes das mulheres tragicas que o seu talento evoca e reaviva, o publico inteiro de uma cidade que não fica propriamente em Marrocos, e que se arroga o direito de occupar um logar na região civilisada da Europa. Mas, como se a propria cidade se envergonhasse do ostracismo a que condemnava essa, apesar de franzina e debil, grande e authentica representante de uma arte superior, ella mesma, em um nobre impulso se encarregou da *renanche* e correu ao theatro de **D. Maria**, e começou de subito a disputar logares, e a encher-os todos, e a resgatar nas noites successivas o erro que commettera nas anteriores, applaudindo até as lagrimas, até ao enthusiasme, a actriz eminente.

E desde então, a paixão arrebatadora e a morte poetica de Margaritha Gauthier, a diaphana e incomparavel ternura d'essa creação ideal que enche de um casto aroma de violeta a lindissima comedia *Comme le folie*, o terror tragico da Tosca, a tortura despedaçadora da mulher de Tankeray, as lagrimas de Maria Antonieta repassadas de soffrimento e de altivez, a loucura subita e a agonia violenta produzidas pelo veneno que mata Adriana Lecouvreur, todas essas altas interpretações da vida e da verdade, vibradas pelos nervos, idealizadas pelo cerebro, e depuradas pelo sentimento da artista, tocaram, emfim! o coração do publico, e encheram-lhe os labios de bravos e as mãos de flores, para acclamar em ovações estrepitosas essa gloriosa interprete da Verdade.

E, pela parte de publico que nos toea, só temos que rejubilarmos ante o reviramento intellectual que em todos os espiritos se operou, ante as victorias que em noites successivas Italia Vitaliani conquistou para a arte.

Outro genero de arte, bem differente, mas empolgante e suggestivo, é o que tem feito nos ultimos tempos as delicias do **D. Amelia**.

Lisboa tem a paixão da zarzuela — não ha occultal-o — e o Visconde de S. Luiz Braga o condão privilegiado de lhe dar o melhor que ha no genero, de offerecer todas as noites aos paladares gulosos da cidade as mais vistosas *gourmandises* ou os pitêos mais apimentados, de forma a fazer, em cada noite que passa, crescer agua na boca para a que segue, crescendo por igual o enthusiasmo de uma para outra noite, de uma para outra zarzuela.

E com a sua batuta firme e sabia lá está o maestro Petri, dirigindo os artistas, regulando os côros e a orchestra, de forma que uma desafinação que porventura venha a dar-se seja considerada um crime... de lesa arte.

E, perante um publico constituído na maior parte pelo que tem de mais elegante e *fashionable* a sociedade de Lisboa, lá desfilam successivamente zarzuelas nossas conhecidas, e outras novas: o *Santo de la Isidro*, *La Macarena*, *Cambios naturales*, *El Padrino* e *El Nene*, *Baile de Luis Alonso*, *Las Estrellas*, e tantas outras, em que Nadal e Miró e a Taberner, Gonzalez, Recober, Tomás, Irene Alba, as tiples Matrás e Rovira, e os bailes que aquecem até ao rubro os espectadores mais circumspectos, e as *jotas* em que a *Meñor* põe todas as cabeças a razão de juro, e tocos esses attractivos, em summa, constituem a mais desejada, a mais saboreada de todas as gulodices que se podem offerecer a uma cidade como Lisboa. E a cidade, realisando o milagre do Rocio na Bitesga lá está todas as noites dentro do Theatro de D. Amelia.

Não fica ainda por aqui a encantadora, a adoravel invasão estrangeira. Não quiz o **Colyseu dos Recreios** ficar na retaguarda d'aquellas salas d'espectaculo e timbrou em apresentar no seu palco uma companhia lyrica italiana que desafia todas aquellas com que a empresa de S. Carlos tem nas ultimas épocas moído a paciencia do seu publico. As operas de grande repertorio: o *Fausto*, a *Africana*, a *Lucia*, a *Gioconda*, a *Favorita*, a *Cavallaria Rusticana*, tem desfilado aos olhos dos espectadores, postas em scena com propriedade e algumas com luxo até, deixando brilhar as figuras da companhia que mais se salientam pelos recursos de que dispõem. E o publico todas as noites prodigalisa applausos espontaneos e quentes á Galvany, a sua cantora predilecta, a Maria Classena, ao tenor Bersellini, ao barytono Cabello, a Fausta Labia, artista de merito superior, a Gazull, ao tenor Barrera, ao baixo Masini, ao barytono Dadone, e ás cantoras Grisi e Acena, porque esse grupo de artistas escolhidos enche-lhe as medidas e prova-lhe que até por dois tostões se pode ouvir em Lisboa boa musica, boas vozes e boas operas. E como amor com amor se paga o publico lá lhes vae todas as noites pagar com a sua presença e os seus applausos as emoções que recebe.

Além d'estes um outro theatro está funcionando em Lisboa: o **Avenida**, mas n'esse o que lá se representa é portuguez e bem portuguez, portuguez que coado pelos labios privilegiados de Palmyra Bastos tem vibrações sonoras e especiaes encantos. E, em scena, esta querida actriz nos basta para provar que Portugal não é o que tem menos peso n'esta triplíce aliança da Arte, que elle, a Hespanha e a Italia, organisaram triumphalmente em Lisboa.

JAYME VICTOR.

